



## O PROBLEMA DA FORMAÇÃO MORAL EM KANT

Euclides Fábio Casagrande<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente estudo quer ser uma abordagem da doutrina e concepção kantiana de educação. Buscaremos reconhecer as contribuições deste filósofo no campo da ética e da educação. O autor das três críticas é bastante conhecido por sua teoria filosófica, mas é, ainda, pouco estudado como teórico da educação. Por educação ele entende um processo que dura a vida toda e que tem como finalidade última a formação do homem como sujeito moral. Kant acredita que o ser humano não nasce moral, se torna moral através da educação. Esta, a educação, deve começar quando a criança nasce: nesta primeira etapa a criança necessita apenas cuidados físicos. Na segunda etapa surge a disciplina que ajuda a controlar as paixões e instintos. A disciplina afasta o ser humano da selvageria e prepara o terreno para a cultura e para a moralidade. Para isso necessita-se desenvolver a razão, momento da terceira etapa que é a instrução, fundamento para o desenvolvimento de uma sociedade civil justa, onde reina a paz perpétua. Por fim, acredita este autor que se todos os homens agissem moralmente a humanidade estaria a caminho de um estado cosmopolita universal, onde seriam desenvolvidas todas as disposições da espécie humana.

**Palavras chaves:** educação, lei moral, esclarecimento, razão, pedagogia.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo sobre as contribuições pedagógicas do filósofo Immanuel Kant<sup>2</sup> não tem a pretensão de ser uma obra acabada, mas o início de uma discussão que aponte caminhos e nos descortine horizontes para repensarmos a educação. Esta, por sua vez, precisa constantemente ser objeto de reflexão para poder progredir, ininterruptamente, para um estado sempre melhor e de aperfeiçoamento, pois, como acredita Kant, é por meio do melhoramento da educação que o ser humano também, progressivamente, atingirá graus cada vez mais elevados de desenvolvimento.

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Teologia pelo Centro Universitário La Salle (2004) e graduação em Filosofia pelo Centro Universitário La Salle (2009). Foi coordenador de Pastoral e membro da Comissão de Educação e Pastoral da Província Lassalista de Porto Alegre (2010). Formando do Curso de MBA em Gestão de Instituições de Ensino, pelo Centro Universitário La Salle. Atualmente é mestrando do Programa de Pós Graduação em Educação, na Universidade de Caxias do Sul. Atua na função de Vice-Diretor e Supervisor Educativo do Colégio La Salle Carmo.

<sup>2</sup> Kant nasceu em Königsberg, no dia 22 de abril de 1724. Quarto filho de uma família com 11 filhos. Era conhecido como um homem metódico e de saúde frágil. Não saiu de sua terra natal. Exerceu a profissão de preceptor por nove anos, depois conseguiu a habilitação de livre docente e em 1770 se torna professor efetivo. Não se casou e muito menos teve filhos, dedicando toda a sua vida à elaboração de uma das mais importantes obras da filosofia. Entre suas obras, se destacam as três críticas: *Crítica da Razão Pura*, *Crítica da Razão Prática* e *Crítica da Faculdade de Julgar*. Morreu em 12 de fevereiro de 1804. Suas últimas palavras foram: “está bem!”.

Um inconveniente que nos deparamos neste estudo é que o único escrito sistemático de Kant sobre a educação resulta da compilação de cursos universitários que Kant ministrava na Universidade de Königsberg. Estes cursos sobre a educação foram publicados em 1803, por Friedrich Theodoro Rink (1770-1811), amigo e discípulo do filósofo, com o título de *Sobre a Pedagogia*.

Mesmo contando com apenas uma obra específica sobre a educação Kant sempre se preocupou com a questão e toda a sua obra filosófica se encontra permeada por esta temática. Para concordarmos com esta afirmação basta observarmos que em três de suas obras, *Sobre a Pedagogia*, *A Religião nos limites da simples razão* e *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, este autor defende a educação e diz que o homem é a única criatura que precisa ser educada. Na *Metafísica dos costumes* também encontramos importantes contribuições e reflexões sobre a arte de educar.

Tendo em vista estas questões preliminares, o problema desta pesquisa centra-se na pergunta acerca do por quê, para quê e como devemos educar o ser humano. Para responder a essas inquietações, importa que investiguemos os seguintes aspectos desta ampla questão: O que é o homem? Qual é o real papel do educador na formação do educando? Qual é a função da educação? O homem é aquilo que a educação dele faz? É possível, hoje, uma educação baseada na autonomia e na responsabilidade? É possível educar a vontade? Como, a partir da razão, educar o homem empírico? É possível ensinar a moral?

A partir deste horizonte de compreensão, optamos tratar as questões acima mencionadas, a partir de uma pesquisa bibliográfica e dissertativa. Consoante a Kant, aventamos como tese deste trabalho que o homem não nasce moral, mas tende ao agir moral. Para que de fato isto aconteça, o ser humano precisa desenvolver a razão, provocando ao seu entorno um movimento de esclarecimento da razão, condição de possibilidade para a educação moral, fim último de todo o processo educativo kantiano.

## **RAZÃO E EDUCACÃO**

A questão da educação ocupa um papel fundamental na filosofia kantiana perpassando todo o seu trabalho filosófico. Em *Sobre a Pedagogia* nos diz que “a educação é o maior e mais árduo problema que pode ser proposto aos homens” (Pädagogik, p. 20). Analisar e compreender este problema é procurar uma solução para um grande problema de Kant: “O

que é o homem”? Segundo ele, esta questão resume três anteriores: “Que posso saber”? “Que devo fazer”? “O que é lícito esperar”?

Para Kant este homem, este novo homem, surgido com a revolução copernicana, responsável por formar por si mesmo o projeto de sua conduta, não nasce pronto, mas precisa ser formado. Eis o papel e a importância da educação para este filósofo: formar esse novo homem capaz de, com o uso de sua razão, elevar-se da sua condição sensível e fenomênica ao inteligível e numênico.

Aqui aparece o principal desafio da educação kantiana: reunificar, através do conceito de humanidade, este homem que se encontra inicialmente dividido entre desejos, próprios de sua condição de pura empiricidade, de pura materialidade, e entre aspirações mais profundas que o levam a querer ultrapassar estas determinações naturais. A saída deste estado de heteronomia e menoridade, imposta pelo estado de natureza, é fomentada por uma ideia. A ideia possibilita ao homem a condição de ultrapassamento de seu estado inicial (cf. Pinheiro, 2007, p. 15).

Assim, a educação assume a tarefa de encaminhar o ser humano em direção ao fim último, que nada mais é que uma ideia de perfeição. E este homem ideal que deve ser seguido ao longo de todo processo de educação é o homem moral. Em síntese, podemos afirmar que a ideia de moral deve ser norteadora de todos os investimentos e esforços em educação.

Buscando formar este homem ideal, o homem moral, modelo de humanidade, Kant estabelece toda a sua doutrina e concepção de educação, preocupando-se desde os cuidados materiais com os bebês, passando pela disciplina, pela coação, até chegar à formação do caráter e à educação moral.

A educação moral, ou educação para a virtude, é o ponto culminante de todo processo educativo kantiano. É somente através da moralidade que poderemos, um dia, chegar ao fim, a finalidade da espécie humana. Para alcançarmos este processo ou caminho até o reino dos fins, onde a moralidade reina imperiosa (metafísica), precisamos passar pelo esclarecimento e pela vida em sociedade.

Na *Metafísica dos costumes* (MC, p. 127) Kant nos lembra que precisamos educar para a virtude, pois esta não é inata no homem, mas precisa ser adquirida. Virtude é a capacidade e o propósito deliberado de opor resistência ao adversário da disposição moral em nós. É a força moral da vontade de um ser humano no cumprimento do seu dever, um constrangimento moral através de sua própria razão legisladora, na medida em que esta constitui uma autoridade executando a lei. Educar para a virtude (isto é, desenvolver a capacidade que o indivíduo adquire em si de agir conforme o dever que, por meio da razão,

ele estabelece para si mesmo) é educar para se viver moralmente, ou seja, reconhecendo e fazendo aquilo que é o correto agir, que, pelo imperativo categórico, a lei moral em nós, desde sempre já sabemos.

Neste processo de formação do homem ideal, a moral se coloca como fim último a ser alcançado por todo o processo de educação. A felicidade digna apenas será atingida por meio da moralidade. Mas, para que esta educação moral, fim racional, possa concretizar-se na prática é necessário, em Kant, o desenvolvimento da razão. Somente através do esclarecimento, ou seja, do pleno desenvolvimento da razão poderemos atingir a total destinação da espécie humana. Porém, em *Sobre a Pedagogia*, Kant nos lembra que a moralização completa só é possível como ideia, ideia de um reino dos fins que deve ser buscada incessantemente, mesmo que nunca venha a ser atingida completamente.

Em 1874 Kant publicou o texto *Ideia de uma história universal do ponto de vista cosmopolita*, em que expôs a ideia de uma destinação da espécie humana. Nesta obra, Kant acredita que “todas as disposições naturais de uma criatura estão destinadas a um dia desenvolver completamente e conforme um fim” (Idee, p. 5); No entanto, estas disposições que são voltadas para o uso da razão, devem ser desenvolvidas plenamente apenas na espécie e não no indivíduo (cf. Idee, p. 5). Kant afirma isso, pois acredita que a razão, que diferencia o homem dos outros animais, não nasce pronta, não nasce acabada, mas ao contrário, necessita de ser desenvolvida para poder progredir, aos poucos, de um grau a outro de inteligência. Este desenvolvimento, que não pode ser alcançado pelo indivíduo, mas somente pela espécie, necessita de uma série de gerações para poder atingir sua esperada finalidade.

Kant acredita que a razão, principal fator diferenciador entre o ser humano e os animais, precisa ser desenvolvida através da educação. Ele entende a educação como um processo de desenvolvimento racional do ser humano. Porém, justamente por ser tarefa da educação desenvolver e educar a razão, ela, a educação, se torna uma das mais difíceis e complexas atividades humana, pois o ser humano, conforme expresso em *Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento*, é um ser guiado inicialmente pela preguiça, covardia e comodidade, preferindo a heronomia, ou seja, ser guiado por uma razão externa a sua, do que pela autonomia. Esta condição inicial ou natural do ser humano o coloca numa condição de minoridade que ele mesmo escolheu. É tarefa da educação ajudar a cada indivíduo sair deste estado e buscar a autonomia e o esclarecimento da razão. Ao realizar tal empresa, saída da minoridade, o indivíduo estaria cumprindo a destinação total da própria humanidade e não apenas a sua.

Esta ideia de progresso presente na educação, também permeia as ideias de história em Kant. Em *Ideia de uma história de um ponto de vista cosmopolita*, este filósofo defende a ideia de um progresso da espécie humana em direção ao melhor. É mister destacarmos que esta ideia de progresso da história só será possível por meio da educação, pois a educação é condição dessa capacidade de progresso. A educação faz isso ao encaminhar o ser humano para a ideia do dever e da moralidade, ou seja, ao encaminhar o ser humano para a saída do estado de selvageria e anarquia, para entrar em uma sociedade de nações, em que reine a paz perpétua.

### **A RAZÃO NECESSITA DA EDUCAÇÃO**

De uma maneira muito sintética podemos dizer que, para Kant, a educação é um processo que se estende ao longo da vida inteira e que busca a superação de um estado natural, inicial do ser humano, marcado pela heteronomia, para um estado de esclarecimento e autonomia da razão. Para atingir esta sua finalidade, o ser humano precisa desenvolver a razão, pois somente desta forma, gradualmente se afastará do seu estado nascente.

Ao afirmar o primado da razão sobre o instinto, na espécie humana, Kant nos está dizendo que o instinto não pode ser determinante da existência das pessoas. E aqui está toda a diferença entre os homens e os animais, pois, enquanto estes agem apenas por instintos, já que tudo na natureza já está decidido, o homem necessita da razão para o estabelecimento de suas ações. Desta forma, vemos que os animais não necessitam aprender; já os homens necessitam aprender tudo, especialmente, precisam aprender a pensar, ou seja, a usar a razão. Parafraseando Rousseau:

[...] a natureza comanda todos os animais. A diferença é que a besta obedece. O homem por seu turno, apesar de sofrer a mesma ordem da natureza, pode escolher obedecer ou resistir. Isso significa afirmar que ao animal cabe o instinto e ao homem a cultura. A tarefa do homem é a de reivindicar o pensamento, o juízo, enquanto ao animal cabe apropriar-se do instinto (ROUSSEAU, in Pinheiro, p. 42).

O homem, pelo uso autônomo da razão, se afasta da animalidade. E isto é importante para Kant, pois o ser humano só conseguirá, de fato, desenvolver todas as suas disposições e alcançar tudo aquilo que ele de fato pode ser, se conseguir abandonar o seu estado de natureza. No estado de natureza o ser humano se encontra muito perto dos animais,

participando, em parte, da sua animalidade. Afastar-se deste estado é condição fundamental para que o esclarecimento seja possível. O ser humano precisa sair de seu estado natural, de menoridade o quanto antes. Neste aspecto Kant discorda de Rousseau.

Para Rousseau o homem em estado de natureza é bom, mas quem o corrompe é a sociedade, ao aniquilar a sua liberdade. Para concordarmos com esta afirmação, basta observarmos que Rousseau começa sua obra *O Contrato social* com a frase: "O homem nasceu livre e, todavia, em todo lugar encontra-se em cadeias" (2006, p. 10). O ideal de humanidade é a humanidade primitiva. E é justamente esta que este autor propõe restaurar. O estado de natureza é perfeito. Nele não existem paixões, nem vícios, mas sim, encontram-se a paz, a felicidade e a liberdade.

Podemos afirmar com Pinheiro (2007, p. 47-48) que, para Rousseau, a razão, verdadeiro poder de conhecimento e de dominação da natureza, constitui a fonte dos males do homem. Rousseau nos expõe que as paixões e vícios do ser humano surgem, na maioria das vezes, da sociedade, que o torna superficial, despojado de sua condição humana. O antídoto para estes males é o estado de natureza, onde o selvagem vive solitário e feliz, sem muitos contatos e, por sua vez, ao não entrar em contato com os demais, vive livre de conflitos ou guerras. Porém, ao não partilhar com outros seres humanos suas descobertas e seus pensamentos, o homem se mantém sempre em um estado de infância, não havendo nem educação e muito menos progresso. As gerações se multiplicariam partindo sempre do mesmo ponto.

Kant rejeita o mito do "bom selvagem" de Rousseau; prefere acreditar que o estado de natureza é um estado de guerra perpétua de todos contra todos, aproximando-se assim da situação descrita por Hobbes, pois a falta de leis deste estado natural provoca a batalha e a insegurança. Para Kant, somente com a imposição da lei e da disciplina que ensina a obediência será possível abandonarmos esse estado natural. Ao defender a necessidade de o ser humano abandonar este estado natural, de menoridade, o filósofo de Königsberg se afasta das teses que são favoráveis à situação do estado de natureza. Além disso, Kant acredita que a educação é um constante processo de progresso em direção ao melhor. Ficar imobilizado na esfera da animalidade é renunciar a essa condição de progresso que é própria de todos os seres humanos (cf. PINHEIRO, 2007, p. 50-51).

Kant tem clareza que, se deixássemos o ser humano em estado de natureza, ele se tornaria um selvagem. Por isso, faz-se necessário acostumar o ser humano desde muito cedo a se submeter aos preceitos da razão. Neste processo torna-se necessário o uso da disciplina e da coação, pois estas afastarão o ser humano da selvageria e prepararão o terreno para a

cultura. Em síntese, a disciplina constitui um momento fundamental da pedagogia kantiana, pois, sobre a disciplina se fundamenta e legitima todo o processo de educação, que visa desenvolver todas as disposições do ser humano, através do desenvolvimento de sua razão. Sem a disciplina o ser humano está fadado a permanecer em seu estado selvagem.

Facilmente podemos concluir que a educação é um problema difícil em Kant. Basta observarmos o que ele mesmo nos diz: “A educação é o maior e o mais árduo problema que pode ser proposto aos homens. [...] Entre as descobertas humanas há duas dificílimas, e são: a arte de governar os homens e a arte de educá-los” (Pädagogik, p. 20). A educação é tão difícil para Kant, porque ela, segundo Pinheiro (2007, p. 55), traz à tona a dualidade humana, ou seja, a sua divisão em ser de desejos e inclinações e ser racional. Esta dualidade precisa ser ultrapassada por uma ideia de educação que possa levar o indivíduo a ver-se como humanidade. A educação kantiana, ao contrário daquela de Rousseau, encontra na cultura, na vida em sociedade, o desenvolvimento integral do homem e de suas disposições racionais. A liberdade moral é encontrada no cerne da sociedade, não havendo necessidade alguma de voltar para um estado primitivo. A coação das leis sociais representa o caminho para a liberdade moral. E a educação participa ativamente desse processo de progredir em direção à liberdade, visto que tem na disciplina seu fundamento básico. A educação, ao desenvolver todas as disposições do homem, principalmente o bom uso da razão, estará contribuindo ativamente para libertar os homens do seu estado de minoridade.

Até aqui já conseguimos perceber que, para Kant, o homem só poderá tornar-se verdadeiramente *homem* através da educação. Ela lhe permitirá, por meio do desenvolvimento da razão, civilizar-se e moralizar-se. Vimos também que a razão necessita de ser educada para poder atingir a destinação última do homem. Caberá ao próprio homem esta difícil tarefa de educar seus semelhantes.

## **EDUCAÇÃO PRÁTICA OU MORAL**

Buscando formar este homem ideal, o homem moral, modelo de humanidade, Kant estabelece toda a sua doutrina e concepção de educação, preocupando-se desde os cuidados materiais com os bebês, passando pela disciplina e coação, até chegar à formação do caráter e à educação moral. De uma maneira sintética podemos afirmar que em *Sobre a Pedagogia* a educação envolve três etapas principias: [i] o cuidado, [ii] a disciplina e a [iii] instrução.

[i] A primeira etapa da educação, na infância, se refere aos cuidados com as crianças, especialmente alimentação, higiene e amor. No mais deve-se deixar à natureza se desenvolver livremente na criança, até que surja a necessidade da intervenção do adulto.

Para que esta primeira educação, que, em geral, é negativa, já que nada cabe a acrescentar às preocupações da natureza, não vise a comodidade da criança, deve-se evitar o uso de meios artificiais como instrumentos para ajudar a criança, já que ela possui meios naturais. Quanto mais meios artificiais usar o ser humano, tanto mais o homem ficará dependente deles. Porém, o grande desafio da educação, nesta primeira etapa, é impedir que a criança cresça delicada e protegida demais, já que a fortaleza é o oposto da moleza.

[ii] A segunda etapa da educação kantiana, na adolescência, centra-se na disciplina. A falta desta constitui um prejuízo certo, pois o “estágio” seguinte, o da instrução, depende diretamente do bom êxito da disciplina, responsável por tirar o ser humano da animalidade e elevá-lo à humanidade, possibilitando ao adolescente fazer uso de sua razão, conquistar autocontrole e seguir as normas sociais justas e necessárias. Além disso, impede o homem de desviar-se de seu destino, através da aceitação pacífica das inclinações naturais. Ela é puramente negativa, pois tira do homem a sua selvageria, e o submete às leis da humanidade e começa a fazê-lo sentir a força das próprias leis.

[iii] A terceira etapa, na juventude e na vida adulta, é a instrução. Esta, ao contrário da disciplina, é a parte positiva da educação. Ela assume três funções básicas no homem, a saber: (a) Tornar culto, (b) tornar prudente e (c) tornar o homem moral.

Nesta terceira etapa Kant mostra que pouco adianta a educação conseguir transformar o homem em um ser culto e prudente, se ele não estiver disposto a conduzir sua vida e usar sua liberdade para os bons fins. Falha é a educação que não consegue formar o ser moral. Em síntese, cabe à escola formar o homem como um ser moral, capaz de aceitar como lei do seu agir o imperativo categórico que ordena, no seu agir, incluir os outros seres racionais como fins em si, e nunca, simplesmente como meios.

Estes três momentos da pedagogia kantiana, o cuidado, a disciplina e a instrução, constituem um processo de desenvolvimento que deve criar as condições necessárias para que seja possível o amadurecimento moral no homem, ou seja, todos os esforços e investimentos da pedagogia kantiana devem ser na linha de favorecer a realização da filosofia prática kantiana; portanto, a internalização do imperativo categórico.

A Educação Moral, que se constitui no principal e mais árduo problema que deve ser enfrentado pela educação não se refere ao estudo e assimilação de regras e normas morais, muito menos ao ensino específico de virtudes. Antes, como nos faz ver Pinheiro (2007, p.



106), “é o próprio pensar por si mesmo”. Ou seja, “a autonomia, caráter fundamental para o desenvolvimento da razão e da moralidade, é requerido como princípio para a possibilidade da educação moral”. Em síntese, através da educação moral não se pretende ensinar a moral, pois ao se fazer isso se obriga o estudante a pensar heteronomamente, através de regras já posteriormente fixadas. E é exatamente isso que nosso autor não admite em educação, pois para se atingir a educação moral, formar o caráter moral da pessoa, é preciso que a criança aja autonomamente, sendo capaz de decidir, por si só, os bons dos maus fins.

A etapa suprema da moralidade é a formação do caráter, que “consiste na resolução firme de querer fazer algo e colocá-lo em prática” (Pädagogik, p. 87). Desta forma, como nos faz ver Pinheiro (2007, p. 114), por meio da formação do caráter, está aberto o caminho para o processo final da educação. Através do caráter é possível, desde agora, vislumbrarmos o fim último de toda a educação, que se aproxima do fim último do próprio homem. O caráter assegura o espírito voluntário, íntegro, autônomo, apto a cumprir os deveres independentes das dificuldades que se apresentam.

Para se solidificar o caráter moral das crianças é preciso ensinar-lhes, através de exemplos e com regras, os deveres a cumprir. Estes deveres são aqueles que as crianças têm em relação a si mesmas e em relação aos demais.

Outrossim, a criança deve aprender a estimar-se por si mesma e não a estimar-se pelo valor dos outros, pois isto a torna invejosa, bem como, a leva a procurar, ou elevar-se acima dos outros ou diminuir o valor deles. Desta forma deve ensinar-se a humildade, e evitar que a criança humilhe as outras.

Além disso, Kant defende que a criança esteja completamente impregnada não pelo sentimento, mas pela ideia do dever, uma vez que quem não possui a ideia do dever ignora o respeito à lei e a ideia da humanidade em sua pessoa. Desta maneira, formar a criança com deveres, tornando-a um ser racional, é necessário, já que o ser humano “não é bom nem mau por natureza, porque não é um ser moral por natureza. Torna-se moral apenas quando eleva a sua razão até aos conceitos do dever e da lei” (Pädagogik, p. 95).

Desta forma defende que na educação tudo depende de que sejam estabelecidos bons princípios e que estes sejam compreendidos e aceitos pelos educandos. Com isso, Kant chega ao fim da educação moral, onde a criança assume a condição de responsável pelo seu destino. Este fim não cai do céu, nem ocorre de uma hora para outra ou é dado externamente, mas sim pelo próprio homem a si mesmo. Assim, a educação, através do desenvolvimento de todas as disposições do homem, especialmente a razão, retira o ser humano do seu estado de

minoridade e heteronomia e o encaminha ao esclarecimento e a um nível superior da espécie humana.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho buscamos abordar o problema da educação a partir do pensamento do filósofo Immanuel Kant. Certamente, conseguimos perceber que muitos conceitos aqui abordados são frutos da realidade dele, marcados historicamente. Todavia, apesar deste pequeno inconveniente, acreditamos, que nós, ainda hoje, em educação, estamos buscando dar uma resposta às mesmas questões que Kant se colocou: O que nos é dado saber? O quê devemos fazer? O quê nos é lícito esperar? Estas questões, segundo Kant, se resumem em uma quarta questão: quem somos nós, os homens? Ao abordar estas questões, vimos que Kant buscava uma reunificação entre o âmbito do sensível e o âmbito do inteligível, ou seja, buscava uma passagem do homem à humanidade, do fenômeno ao númeno, da natureza à liberdade.

Nas obras em que Kant se preocupa com responder a esta quarta questão percebemos que ele concebe o ser humano a partir de um duplo ponto de vista: se, por um lado, o homem é visto como um ser sensível e fenomênico, por outro, é visto como numênico e moral. É, pois tarefa da educação reunificar estes pontos de vista sob a ideia de homem ideal, representado pelo ideal de moralidade.

Aqui aparece o primeiro desafio da educação kantiana: reunificar, através do conceito de humanidade, este homem que se encontra inicialmente dividido entre desejos, próprios de sua condição de pura materialidade (fenômeno), e entre aspirações mais profundas que o levam a querer ultrapassar estas determinações naturais. A saída deste estado de heteronomia e menoridade, imposta pelo estado de natureza, é fomentada por uma ideia. Esta ideia possibilita ao homem a condição de ultrapassamento de seu estado inicial. Assim, ao contrapor natureza e moralidade, Kant acaba acentuando a segunda como fim de todo processo educativo.

Com o objetivo de possibilitar esta formação do homem moral, finalidade última de todo processo educativo kantiano, nasce a necessidade da educação, que tem por objetivo elevar o ser humano de seu estado de animalidade à humanidade, que só acontecerá pelo pleno desenvolvimento da razão. Esta, não nasce pronta, mas precisa da ajuda de outros seres

humanos, em estágio mais avançado de desenvolvimento, para desenvolvê-la sempre mais; por isso, uma geração educa a outra.

Pelos limites que este trabalho comporta não nos foi possível mostrar amplamente os limites e possibilidades de uma educação kantiana hoje. Isso, quiçá, será problema para estudos posteriores. Porém, podemos afirmar que a realização do ideal pedagógico kantiano comprometido com a ideia da perfeição da humanidade, garantida pelo agir racional, autônomo, portanto, moral, exige o respeito a idade de cada estudante e, principalmente, a formação dos educadores.

Talvez seja esse, a formação dos professores, o maior obstáculo para a implantação de uma pedagogia kantiana, da perfeição, em nosso país, pois, como poderá um professor insatisfeito, mal remunerado, que não pesquisa, não prepara suas aulas, não reflete sobre sua prática pedagógica, despertar o gosto da cultura e do esclarecimento em seus estudantes? Como poderá alguém que não aposta na justiça, na razão, na autonomia e no agir moral transmitir estes valores às próximas gerações? Enquanto não forem formados mestres com capacidade de pensamento próprio dificilmente, uma educação kantiana terá lugar em nosso país.

Além disso, uma pedagogia kantiana, que aposta na razão e na capacidade de o sujeito ser livre, autônomo e esclarecido, jamais poderá interessar às camadas sociais ou pessoas que preferem que a maioria da população permaneça em seu estado de minoridade, sem força de expressão e ação, sendo massa de manobra de interesses particulares.

Quanto ao ensino dos valores e à formação para a cidadania e a vida em sociedade, estes estão distantes da realidade educacional brasileira. E, como agravante desta situação, podemos constatar que faltam exemplos significativos, já que o modelo que temos é o da corrupção, do desvio de verbas públicas e da impunidade. Constatamos que a formação moral dos estudantes não encontra referenciais seguros, e os educandos, contrariamente ao que queria Kant, acabam colocando os bens e os interesses pessoais como fim em si. Dessa forma, a educação brasileira, não dispõe de modelos para educar com vistas a uma geração melhor, e, o que é agravante, não existe, nela, a firme convicção da necessidade de se formar sujeitos autônomos, honestos, justos e morais. Além disso, a maioria das escolas estão mais preocupadas com a formação técnica e a transmissão de conteúdos, por vezes insignificantes para o próprio aluno, com vistas à preparação apenas para o mercado de trabalho e o ingresso nas universidades públicas, do que com a cidadania e o agir moral.

No que tange à disciplina, momento de conquista da autonomia, e no que se refere ao exemplo, vemos que nossas escolas dificilmente, na realidade atual, as assimilariam. Nossos

estudantes sofrem com a ausência de tais referenciais na família e nos próprios professores. Estes, muitas vezes não possuem didática e firmeza suficientes para o trabalho com os estudantes e, com certa frequência, pelas constantes ausências, especialmente em escolas públicas, nem em sala de aula estão. Desta forma, um dos maiores limites para a implantação de uma pedagogia kantiana é a precária formação e acompanhamento aos professores. Paralelamente a isso, vemos crescer os problemas disciplinares nas escolas e na sociedade. Cresce o desejo do controle externo, mediante muros, grades, câmeras filmadoras, vigilância, policiamento ostensivo, que só refletem a falta de controle interno, de autoridade e autonomia interior, tão caros ao pensamento pedagógico kantiano.

Educar para a moral, de modo que o estudante possa escolher no seu agir sempre os fins bons, aceitos por todos (universais e necessários) e que possam transformar-se em fins de cada um, eis o desafio proposto por Kant, e que nos cabe, hoje, tentarmos incluir em nossas ações pedagógicas. Porém, isso só será possível pela formação dos agentes escolares. É preciso prepará-los com vistas ao pensamento autônomo, ao esclarecimento da razão e ao agir moral. Somente com a eficaz formação dos professores poderão surgir pessoas particulares com capacidade de pensamento próprio, as quais, sacudindo o jugo da menoridade, espalharão ao seu entorno um movimento de esclarecimento e pensar autônomo, que nos colocará em marcha rumo ao reino dos fins, onde será soberanamente imperiosa a moralidade.

## REFERÊNCIAS

FREITAG, Bárbara. **O indivíduo e a sociedade**. São Paulo: Cortez, 1994.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 5ªed. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2006.

\_\_\_\_\_. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Lisboa: Edições 70.

\_\_\_\_\_. **A Metafísica dos Costumes**. Lisboa: Edições 70.

\_\_\_\_\_. **Ideia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Resposta à Pergunta: o que é Esclarecimento?** In: Textos seletos. Petrópolis: Vozes, 1985.

PINHEIRO, Celso de Moraes. **Kant e a Educação: reflexões filosóficas.** Caxias do Sul, RS: Educs, 2007.

ROUSSEAU, Jean-Jaques. **Emílio, ou da Educação.** São Paulo: Martins Fontes, 1968.

\_\_\_\_\_. **O Contrato Social.** São Paulo: Escala Educacional, 2006.